

A RAZÃO E O ESCLARECIMENTO SOB A ÓTICA ADORNIANA

Artur Rodrigo Itaqi Lopes Filho*
artursan@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo expor a ótica crítica do renomado filósofo, Theodor Wiesengrund Adorno, ao observar o caminho tomado pela humanidade rumo a um dito progresso. Tal caminho, que, segundo o autor, visava promover um “elevar” do saber através do esclarecimento, desmistificando os velhos mitos do passado com bases a razão, acaba vendo seus pressupostos embotarem na transmutação de uma razão embasada em valores iluministas, em uma razão instrumental, estando esta última na fundação das diversas sociedades ocidentais contemporâneas, inclusive de seu sistema econômico hegemônico: o capitalismo.

Palavras-Chave: Theodor Adorno, esclarecimento, razão, iluminismo, instrumental.

Abstract: The present article's objective is to show the critical view of renowned philosopher, Theodor Wiesengrund Adorno, as he observed the path humankind has taken towards a said progress. This way which, according to him, aimed to promote the knowledge's “rising” through enlightenment, demystifying the past old myths based upon reason, ends up seeing its own presuppositions weaken in the transmutation from an illuminist values based reason to a instrumental one, this one found on all contemporary western society's foundation, as well on their hegemonic economical system: the capitalism.

Key-words: Theodor Adorno, enlightenment, reason, illuminism, instrumental.

* Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

I Introdução

Poucas correntes teóricas, segundo nosso entendimento, desenvolveram uma crítica de cultura com tanta profundidade e radicalidade como a *Teoria Crítica da Sociedade*, com destaque para seu mais eminente pensador, Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969).

Adorno é reconhecido até os dias atuais pelo seu trabalho nas questões que fundamentam a cultura e a existência humana na era moderna, radicalmente marcada pela realidade do mundo capitalista. Considerado um dos nomes principais¹ da *Escola de Frankfurt*,² Adorno desenvolveu junto a Horkheimer, o mais renomado estudo de sua vida, a *Dialética do Esclarecimento*.

Dentre as reflexões desenvolvidas por Theodor Adorno acerca da sociedade contemporânea, está o já clássico conceito de *Indústria Cultural* (parte integrante do livro *Dialética do Esclarecimento*), que constitui um marco nos estudos da comunicação e daquilo tão criticado pelo autor: a cultura de massas.³

¹ Dos quais ainda poderíamos destacar: Walter Benjamin e Herbert Marcuse.

² Título conferido ao grupo, mas não adotado pelo mesmo após a fundação do *Instituto de Pesquisa Social* de Frankfurt no ano de 1924.

³ Cabe aqui lembrar da separação promovida por Adorno entre duas formas distintas de cultura: a “cultura de massa” e a “cultura para a massa”. A primeira se refere a uma forma autônoma de desenvolvimento cultural na qual o costume social desenvolve uma cultura particular que reflete as características de um povo; já a segunda, remete a um processo de introdução de uma cultura estranha com fins de “domesticação” das massas, oriunda de interesses externos aquilo objetivado pelo povo. Este último está relacionado à produção de bens simbólicos oriundos de uma indústria que visa à exploração em vias de objetivar o crescimento econômico através de uma formação cultural que visa (direta ou indiretamente) a integração de seus membros a um sistema de vida padronizado e, por que não, condicionado, conhecido pelo nome de Indústria cultural.

Ainda que não tenha sido um teórico voltado para os estudos em comunicação, o pensamento de Adorno abrange a arte, a literatura, a música e a cultura, desenvolvendo uma profunda crítica referente as mesmas enquanto submetidas a um imperativo econômico pouco flexível – que engendra em seu âmago um sistema complexo de introjeção de questionáveis valores entendidos como puramente econômicos –, rebaixadas a meros instrumentos de propaganda para as massas. Nesse contexto o autor articula uma profunda reflexão sobre o ser humano inserido naquilo que conhecemos hoje como: sociedade capitalista ocidental.

Referente a sua radicalidade crítica, Theodor Adorno é frequentemente acusado de ser um pensador “elitista”, “ultrapassado” e “pessimista”. O conceito de Indústria Cultural, constantemente tende a ser “desmistificado” e acusado como algo “inoperante” por inúmeros comentaristas, vide a sua tendência “apocalíptica”, os mesmos, muitas vezes cegos pelas maravilhas econômicas vividas, esquecem da neutralidade necessária para a promoção de uma leitura crítica do meio no qual nos encontramos inseridos, tendendo a um “otimismo” radicalmente unilateral. O presente artigo tem por objetivo mostrar o equívoco desta visão, resgatando a crítica de Adorno referente ao movimento que se consagrou como o esclarecimento moderno.

Adorno possuía um entendimento crítico referente a humanidade na era moderna, visto que esta, segundo o autor, por sua dita “razão”, logrou criar sua própria dominação. Adorno fará a crítica da “dependência” de uma forma/estilo de vida criado pelo próprio homem e absorvida pelo mesmo como algo natural (oriundo de sua natureza). Assim, percebe-se que o filósofo buscou, ao intitular sua obra de *Dialética do Esclarecimento*, trazer uma análise interrogativa à tona, sendo esta compreendida apenas quando desmembrada e examinada em seus conceitos, separadamente. De fato, entender um pensamento crítico é instaurar uma árdua batalha entre o pensador (sua obra) e seus leitores. Assim, é através de um

pensamento dialético que a concepção de *Esclarecimento* será abordada e, igualmente criticada no decorrer desse trabalho.

II Um pouco de Adorno

Tendo por finalidade expor a visão de Adorno diante a uma dita “razão”, resultante de uma busca pelo *Esclarecimento* humano, seria essencial conceber sua gênese, para que críticas sobre sua linha de raciocínio deixem de ser superficiais e preconceituosas.

Theodor Wiesengrund Adorno, nascido em 1903, em Frankfurt buscou estudar inúmeros autores a fim de construir uma linha de raciocínio crítico fundamentado, sendo poucos aqueles que realmente influenciaram em sua trajetória, como escreve Rodrigo Duarte: “(...) os principais são Immanuel Kant, Georg W.F. Hegel, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud”.⁴ Com essa seleta influência, o jovem filósofo obtém, em 1923, o título de Doutor em Filosofia, apresentando uma tese sobre Husserl.

É difícil pontuar exatamente quando Adorno entrou em contato com cada autor, assim como o grau de importância que cada um teve sobre o pensador; mas, o teórico que mais se destacou, estando presente nas leituras de sua mocidade, foi Immanuel Kant. Biógrafos relatam que “(...) já aos 14 anos o filósofo iniciou pela primeira vez a leitura da *Crítica da razão pura*, na companhia de Sigfried Kracauer, um amigo da família alguns anos mais velho”.⁵

Depois de Kant, entre as leituras mais marcantes, viria Nietzsche. Estudando suas obras desde os 16 anos de idade, Adorno confrontava-se com os pensamentos do autor de *Zaratustra*, escrevendo sua tese de habilitação, intitulada *O conceito do inconsciente na doutrina transcendental da alma*. Contudo, a impressão desta época em torno das obras de Nietzsche não era elogiosa, “(...) refe-

⁴ Duarte, R. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*, p. 15.

⁵ Ibidem.

rindo-se a “filosofia do poder” como estando na origem do irracionalismo que culminou na ideologia nazista”.⁶

A influência de Kant tornara-se cada vez mais presente na vida de Adorno, ao estudar em Frankfurt. Um professor chamado Hans Cornélius (que o orientara em algumas teses de habilitação), seguia os preceitos neo-kantianos, levando o filósofo a adentrar cada vez mais na filosofia do crítico da razão moderna. A linha filosófica de Kant “(...) foi um marco referencial importante para a formação do pensamento de Adorno”.⁷

Nota-se, entretanto que o hegelianismo também esteve presente na vida do autor, marcando sua importância, principalmente quando, em contato com Horkheimer, puseram em prática os estudos que levariam a produção da *Dialética do Esclarecimento*. Há de se salientar que, “(...) em princípios do século XX, o neokantismo era muito influente no meio acadêmico e cultural do que a filosofia de Hegel ou de neo-hegelianos”.⁸ Mas a filosofia hegeliana também teria seu espaço, indiretamente, sendo uma de suas primeiras influências, a leitura de Lukács ainda não marxista, mas já bem hegeliano (e não mais kantiano como anteriormente).

Adorno, como a maioria dos companheiros do *Instituto de Pesquisa Social*, era um pensador de orientação marxista, doutrina que norteava seu universo de reflexões. A representação mais evidente da influência de Marx sobre Adorno é o seu texto *O fetichismo na música e a regressão da audição*, ensaio no qual o filósofo “(...) procura transpor a concepção de fetichismo da mercadoria, tal como aparece no livro I de *O capital*, para a análise crítica da cultura mercantilizada, a qual se encontrava (...) em franco progresso em todo o mundo ocidental”.⁹

⁶ Idem, p. 19-20.

⁷ Idem, p. 16.

⁸ Idem, p. 16-17.

⁹ Idem, p. 18.

A título de nota, cabe lembrar que o interesse de Adorno pela obra de Freud, traria mais um elemento inovador para a *Teoria Crítica*. Naturalmente, tal interesse era muito mais teórico do que prático visto que Adorno nunca se submeteu a análise. A literatura freudiana se tornou um referencial para Adorno, sendo visível, em todas as suas obras da década de 30.

A situação política na Alemanha estava conturbada nos anos 30. O partido social-democrata perdia a hegemonia política devido às sucessivas crises econômicas não superadas. O nacional-socialismo ganhava espaço pela via eleitoral, até que, em 1933, Adolf Hitler tornou-se chanceler do *Reich*, amparado pela força do partido nazi. “Desmantelando todos os potenciais focos de resistência democrática e socialista à tirania nazista”,¹⁰ Hitler torna-se o supremo *Führer*. As conseqüências não se fariam esperar: o Instituto foi um dos primeiros alvos da Gestapo (em 13 de março de 1933 foi invadido e posteriormente fechado pela polícia), Horkheimer, por conseqüência, fora destituído, e com ele, todos os membros fundadores judeus do instituto.

Com a ascensão do partido nazista e sua dura política, Horkheimer, que tentara levar o Instituto para outros países da Europa, percebeu que não era mais seguro continuar vivendo em uma Europa fragilizada pela guerra. Sendo assim, o filósofo acabou “(...) aceitando uma oferta da Columbia University para seu estabelecimento em Nova York”,¹¹ emigrando imediatamente aos EUA, seguido de seus mais próximos colaboradores, todos caçados pelo duplo crime de serem intelectuais marxistas e judeus.

Em 1933, tendo sua licença para lecionar em cursos superiores caçada pelos nazistas, Adorno tentara se manter como crítico de música em Berlim, tendo tido ainda a possibilidade de estudar com Alban Berg em Viena (grande artista que revolucionara a música do século XX). Suas tentativas de trabalho numa Europa cada vez mais

¹⁰ Idem, p. 12.

¹¹ Idem, p. 13.

nazificada fracassaram, devido ao pensamento crítico que o mantinha e o sobrenome Wiesengrund, que revelava sua origem judia. Adorno não tardou a perceber que sua permanência na Europa culminaria em um fim trágico. Era preciso sobreviver: assim buscou conquistar, através de seu mérito, uma bolsa de estudos na Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde residiu durante três anos.

Após um período de afastamento entre Adorno e Horkheimer, os acontecimentos drásticos do avanço nazista e da guerra eminente reaproximaram os dois filósofos mais uma vez. Adorno “refugiado” na Inglaterra recebeu um convite de seu amigo Paul Lazarsfeld a ingressar em um projeto de pesquisa sobre rádio nos Estados Unidos, possibilitando assim, sua saída da Europa e o reencontro com Horkheimer. Esse novo trabalho traria um impulso na produção intelectual de Adorno que acabaria por resultar no clássico artigo *O fetichismo na música e a regressão da audição*.

Deparando-se com uma realidade muito diferente da vivida na Alemanha, Adorno aprofundou-se no conhecimento “(...) factual dos principais mecanismos de funcionamento da indústria radiofônica, tornando-se para ele cada vez mais evidente o caráter essencialmente manipulatório e opressor dos mesmos, ainda quando ela declarava os fins eminentes culturais de seus produtos”.¹² Armand e Michèle Mattelart descrevem em sua obra a revolta que Adorno sentira frente as imposições de seu trabalho:

Adorno responde ao convite de Paul Lazarsfeld, que lhe oferece colaboração em um programa de pesquisas sobre os efeitos culturais dos programas musicais no rádio, no âmbito do Princeton Office of Radio Research (...). Esse primeiro projeto de pesquisa em solo americano é financiado pela Fundação Rockefeller. Lazarsfeld, por meio dessa colaboração, espera “desenvolver uma convergência entre a teoria européia e o empirismo americano”. Espera que a “pesquisa crítica” “revitalize” a “pesquisa administrativa”. Essa esperança será frustrada. (...) A oposição entre as duas mentalidades revela-

¹² Idem, p. 14.

se insuperável. Adorno recusa dobrar-se à lista de questões propostas pelo financiador, que, em sua opinião, encerra o objeto de pesquisa nos limites do sistema de rádio comercial em vigor nos Estados Unidos e impede a “análise desse sistema, suas conseqüências culturais e sociológicas e seus pressupostos sociais e econômicos”. Em suma, uma lista que deixa em segundo plano o “quem”, o “como” e o “porquê”.¹³

Este momento poderia constituir um marco do despertar de seu pensamento com relação à crítica ao que viria a ser denominado de *Indústria Cultural*. Ficaria claro para o filósofo que a “liberdade” pregada naquele país, a qual integrava toda sua população, não era isenta de uma certa “alienação”. De resto, o “poder” do consumo configurava-se a como algo intocável, inquestionável; consumo também da cultura, através da qual se realizaria uma pretensa apropriação do mundo e da vida em sociedade.

Em 1941, Adorno e Horkheimer terminaram sua pesquisa ligada à Universidade de Columbia, indo morar aos arredores de Los Angeles. Ambos se defrontaram com questionamentos diante da realidade vivida naquele país, assim como comparações com sua distante pátria, a Alemanha. O resultado do “incômodo” de ambos os autores, somado a um desejo prévio de escrever um livro discutindo a dialética, resultaria na mais consagrada obra destes teóricos, a *Dialética do Esclarecimento* editado originalmente em 1947.

III A razão e o esclarecimento

Seguindo a linha de raciocínio defendida pela ótica crítica de Theodor Adorno, o mundo moderno e capitalista apresenta em sua evolução um inequívoco processo de degradação (ou regressão) intelectual, como reflexo do fracasso e da transformação sofrida pela razão “esclarecida”. O iluminismo, é verdade, tinha como objetivo promover a desmistificação das antigas crenças que mantinham

¹³ Mattelart, A., e Mattelart, M. *História das teorias da comunicação*, p. 76.

a civilização em situação de atraso diante das possibilidades do uso pleno da razão, do conhecimento, da técnica, enfim, da evolução científica.

Essa pretensa idéia de “esclarecimento” iluminou a mente das mais diversas culturas a partir do Século XVIII, buscando na racionalidade toda a esperança de um “elevar” intelectual, construindo um mundo de certezas científicas e avanços tecnológicos, inteligente e crítico. O poder do “saber” seria utilizado em benefício da civilização; o conhecimento seria capaz de manipular a realidade em prol de um bem maior: a evolução do ser humano, sua autonomia, sua libertação.

A razão iluminista, algo arrogante e igualmente ingênua, não tardaria a se igualar aos mitos que pretendia combater. Sua utopia não resiste ao andamento histórico da humanidade, segundo a crítica radical do filósofo frankfurtiano, e a razão iluminista, acabaria por converter-se em um trágico engodo, traindo seus mais claros objetivos.

Observando o processo histórico referente a pretensão iluminista, Adorno identificou aquilo que ele afirmaria ser um engodo intelectual. De uma razão esclarecida, o homem passaria a ser o “senhor” e, paradoxalmente, o escravo de uma chamada *razão instrumental*, onde o indivíduo acabaria por perder o discernimento crítico, vendo embotar os pressupostos postulados pelo ideal até então proposto, em uma racionalidade que, entretanto, permaneceria legitimada por sua gênese iluminista.

Assim, o esclarecimento, segundo o autor, resultou em uma armadilha que, por consequência, levou o homem a sua própria dominação. O vício gerado por este “saber”, assegurado por métodos e planejamentos cada vez mais racionalizados e científicos, contaminou gradativamente todas as esferas da vida social, dos círculos militares e armamentistas às empresas de administração, passando pela pesquisa científica, por todas as formas de desenvolvimento tecnológico, sempre absolutas na burocracia das sociedades (politicamente ditas “democráticas” ou assumidamente totalitárias e dita-

toriais) e, finalmente, presentes nas manifestações artísticas e culturais destas mesmas sociedades, cada vez mais industrializadas e tecnologicamente desenvolvidas.

As sociedades modernas, alienadas por um esclarecimento deturpado, caminhariam decididas para a instrumentalização de seu saber, num modelo de racionalização que teria por princípio, o objetivo de padronizar o estilo de vida à sua volta. A hegemonia moderna do sistema capitalista, vitorioso e em processo galopante de expansão e fortalecimento, imersa em uma racionalidade mecanicista pouco flexível, reproduz uma concepção discutível de liberdade e individualidade na qual cada um possuiria a chance de se tornar “rico”, tendo seus direitos assegurados por uma gama de leis que regem esta dita “liberdade”, materializada em frágeis e contraditórias “democracias”. Como que voluntariamente integradas ao sistema, a massa passaria a ser “receptora” de sua própria enganação, consumindo repetições diárias dos produtos da Indústria Cultural, a qual, por sua vez, seria a responsável por manter a sociedade alienada e - nas palavras de Adorno -, conformista (sem grandes esforços devido à aceitação voluntária de seus membros submetidos aos inúmeros métodos de convencimento social).

Nesse grande sistema, os produtos acabariam por atingir o indivíduo, mesmo havendo focos de resistência. O sujeito, ainda que “resistente” ao consumo programado, por sua vez, ao “escapar” das amarras sociais, inevitavelmente se encontraria consumindo outro produto desta mesma indústria. Cercado por todos os lados, a fuga se torna impossível, e apenas o entretenimento aparentaria ser o alívio deste círculo de manipulação gerada e consentida pelo próprio homem, cada vez mais identificado com o capitalismo e seu braço cultural: a *Indústria de bens simbólicos*. O entretenimento traz ao povo a (falsa) fuga diária do maniqueísmo vivido da rotina exigida. Mas, onde prioritariamente o descanso imperaria, a Indústria Cultural atua vendendo seus produtos e seus valores, capturando o indivíduo numa total integração, necessária, aliás, para não ser expulso da sociedade administrada pelas “pessoas de bem”.

O esclarecimento se coloca para a humanidade como uma busca incessante por uma racionalidade idealizada: uma lógica que visa expandir a consciência do homem, resgatando um pensamento menos dogmático e mais científico, capaz de apreender e enfrentar a realidade da sociedade e do mundo moderno. Assim escrevem Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores”.¹⁴

Eis a pretensão do homem em desmistificar seus mitos (deuses, demônios, entidades, etc.): “(...) dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”.¹⁵ Acreditando que tal desmistificação seria o caminho seguro para o alçar de uma nova era, a humanidade acabaria por naufragar diante a sistematização da qual fora responsável, isto é, tornando-se senhores de sua própria escravidão, em vias de desenvolver sistemas, cada vez mais eficazes, privilegiando a ordenação e o controle social. Os mesmos homens que perseguiram a vivência de um ápice do conhecimento em nome de uma *instrumentalização* mecanicista da sociedade como um todo, estariam prestes a se depararem com uma dura realidade: o *poder* gerado pelo saber.

Segundo Adorno, a humanidade não se daria conta de que os mitos combatidos e derrotados, caídos como vítimas do *esclarecimento*, já eram produtos do próprio *esclarecimento*, pois o mito “(...) queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar”,¹⁶ tendo os mesmos objetivos que o esclarecimento perseguiria séculos depois. Afastando o homem de sua natureza e valorizando apenas as ciências e o “número” como verdades absolutas para se atingir a sabedoria, o *Esclarecimento* converteu-se numa armadilha: o homem tornou-se escravo de sua própria criação. Visto

que “(...) a super-desenvolvida ciência (...), ao invés de extirpar de vez a credence e a superposição, acabou engendrando uma nova mitologia”.¹⁷

Buscando a aversão ao ilusório, ao mito, às crenças de sua natureza, o homem tornou real, por conseqüência de seus atos, a premissa de que “poder e conhecimento são sinônimos”. Já que “(...) a superioridade do homem está no saber”,¹⁸ sendo assim, este, imagina-se soberano ao criar e difundir a lógica do pensar, quebrando barreiras e atingindo novos limites, deslumbrado com a nova era de “luzes”, perdendo-se em sua própria ilusão.

O homem esclarecido, valorizando seu conhecimento, assim como sua capacidade de pensar, pode desenvolver sua ousada meta: alcançar a superioridade pelo *saber*, pois nele “(...) muitas coisas estão guardadas que os reis, com todos os seus tesouros, não podem comprar sobre as quais sua vontade não impera, das quais seus espias e informantes nenhuma notícia trazem”.¹⁹ A mente do homem e seus pensamentos não podem nunca ser invadidos por forças quaisquer, independentes da pressão sofrida, a mente é individual e só se coloca a serviço do homem, sendo este seu poder.

“O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo”.²⁰ Ressalta-se, entretanto que, esse saber convertido em poder, cuja essência é a *técnica* – esta a serviço de todos os fins da economia burguesa, “na fábrica e no campo de batalha”. Presta-se a empresários e comerciantes.

Assim a natureza humana levou o entendimento e/ou a mentalidade gerada através do esclarecimento a um processo de

¹⁴ Adorno, T., Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 19.

¹⁵ Idem, p. 19.

¹⁶ Idem, p. 23.

¹⁷ Duarte, R. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*, p. 9.

¹⁸ Adorno, T., Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 19-20.

¹⁹ Idem, p. 19.

²⁰ Idem, p. 20.

dominação de tudo aquilo que existe a sua volta. Adorno e Horkheimer concluem em sua obra:

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência.²¹

No anseio pela desmitologização, o número tornou-se o “cânon” do esclarecimento. O homem buscou dominar o mundo à sua volta, conseqüentemente, dominando a si mesmo, submetendo assim, suas conclusões e sua subjetividade a ciência. Para o *esclarecimento*, “(...) aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão”.²² Desta forma, o pensamento do homem esclarecido se dá ao intuir que, “(...) a matéria deve ser dominada sem o recurso ilusório a forças soberanas ou imanentes, sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento”.²³

Com tal pensamento, o homem deixou de admitir o ilusório, tornando-se lógico e centrado, buscando aprender e conhecer aquilo que fosse capaz de explicar através de seu sistema lógico e metodológico. Assim “o despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como o princípio de todas as relações” (Duarte, 2002, p.55). Ocorre que o *esclarecimento* “(...) comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los”.²⁴ Que ninguém tenha dúvida: tal como se desenvolve na civilização ocidental, “o esclarecimento é totalitário”.

A fim de concluir o presente artigo que – como objetivo – buscou apresentar a fundamentação da visão crítica deste consa-

²¹ Ibidem.

²² Idem, p. 23.

²³ Idem, p. 21.

²⁴ Idem, p. 24.

grado filósofo e pensador referente a problemática da instrumentalização do saber, será oportuno retomar o prefácio da *Dialética do Esclarecimento*, escrito pelos autores na Califórnia, em maio de 1944, deixando assim, como reflexão a problemática social observada pelos mesmos que ainda se faz presente nos dias atuais:

A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçada, contêm o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perdeu seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade.²⁵

²⁵ Idem, p. 13.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. bras. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. bras. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Adorno*. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Os pensadores)

DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves S.A., 1977.

MATTELART, Armand, e MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. 2ª ed. Trad. bras. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução à teoria da comunicação*. 1ª ed. São Paulo: Edicon, 1998.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 5ª ed. Trad. port. Jorge Vilar Figueiredo. Lisboa: Presença, 1999.